



# O LEITOR

ISSN 2965-3699



Ano IV - Nº 27

X@OLeitorOficial

Janeiro 2025

## JANE AUSTEN

ÉRICO VERÍSSIMO



"Nenhum escritor pode criar do nada. Mesmo quando ele não sabe, está usando experiências vividas, lidas ou ouvidas, e até mesmo pressentidas por uma espécie de sexto sentido."

### NESTA EDIÇÃO

Jane Austen	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
"Idiot" de Fiódor Dostoiévski	3
Milady de Winter	4
A música entre escombros	5
Estevão e a luva para sua mão	6
Clarissa	7
Sobre o triste caso de Dom Casmurro e Capitu	8

Jane Austen (1775-1817) foi uma das mais importantes escritoras britânicas, conhecida por suas obras que exploram a sociedade, os costumes e os relacionamentos da Inglaterra do século XIX. Seu estilo refinado, marcado pelo uso de ironia, sátira e personagens femininas fortes, a consagrou como uma das principais autoras da literatura mundial.

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, na vila de Steventon, Hampshire, Inglaterra. Era a sétima de oito filhos do reverendo George Austen e Cassandra Leigh Austen. Cresceu em um ambiente intelectual, repleto de livros, discussões literárias e peças teatrais encenadas pela própria família. Desde cedo, demonstrou talento para a escrita, compondo histórias curtas e sátiras que mais tarde se tornariam a base de sua obra literária.

Durante sua juventude, Austen escreveu os primeiros rascunhos de seus romances mais famosos, incluindo "Razão e Sensibilidade" e "Orgulho e Preconceito". No entanto, a publicação de suas obras não foi imediata. Somente em 1811, quando já estava na casa dos trinta anos, conseguiu lançar "Razão e Sensibilidade" de forma anônima, assinando apenas como "By a Lady" (Por uma Dama).

Apesar de sua crescente popularidade, Austen manteve uma vida discreta, sem buscar os holofotes da fama. Ela escrevia sobre a aristocracia rural e a classe média emergente, retratando a vida cotidiana com realismo e perspicácia. Seus romances eram centrados na experiência feminina, explorando temas como casamento, independência e as restrições sociais impostas às mulheres de sua época.

A escrita de Austen é caracterizada

pelo uso de ironia sutil e crítica social afiada. Suas heroínas são inteligentes e determinadas, desafiando muitas das normas vigentes em uma sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo, seus romances apresentam um equilíbrio entre o romantismo e a análise crítica das relações humanas, abordando as complexidades do amor, da moralidade e das convenções sociais.

Austen também inovou ao criar personagens femininas que buscavam casamentos baseados no respeito e no afeto mútuo, ao invés de uniões apenas por conveniência econômica. Elizabeth Bennet, de "Orgulho e Preconceito", é um exemplo icônico desse ideal, representando uma mulher espirituosa e independente que se recusa a se casar sem amor.

Nos últimos anos de sua vida, Austen enfrentou problemas de saúde, possivelmente devido à doença de Addison. Mesmo debilitada, continuou escrevendo e revisando seus manuscritos. Faleceu em 18 de julho de 1817, aos 41 anos, e foi enterrada na Catedral de Winchester.

Após sua morte, seus últimos romances, "Persuasão" e "A Abadia de Northanger", foram publicados postumamente em 1818. Seu legado cresceu ao longo dos séculos, e hoje suas obras são estudadas, adaptadas para o cinema e a televisão e lidas por milhões de pessoas ao redor do mundo.

Jane Austen não apenas revolucionou a literatura inglesa, mas também influenciou gerações de escritoras e escritores. Sua visão perspicaz da sociedade e sua habilidade de criar personagens memoráveis continuam a cativar leitores, garantindo seu lugar definitivo na história da literatura.

Klaus Tolst  
tolst.klaus@hotmail.com

# EDITORIAL

Caríssimo leitor.

Preciso ser sincero, estamos enfrentando dificuldades para editar e publicar as edições mensais do O Leitor. Infelizmente, ainda se encontra muita adversidade no campo cultural produtivo em nosso país, pois qualquer atividade, pequena que seja, precisa contar com certo apoio de pessoas voluntárias e financiadores, e isso é bem raro em nosso caso. Já fizemos várias campanhas, buscamos conversar com pessoas que possuem certo influência em organismos públicos e privados, mas não obtivemos respostas, e por isso acabamos no encontrando em uma encruzilhada: deixamos o projeto pausado até encontrar um apoio real e viável, ou abraçamos com todas as nossas energias o projeto não deixando de tentar escrever e publicar o informativo, tudo a custa de muito esforço e tempo. Claro que optamos por esta última opção.

Neste edital, desejo mais uma vez afirmar que nossa equipe não deixará este projeto que já se encontra em sua 27ª edição, morrer. Não deixaremos que a falta de apoio ou mesmo o desânimo diante da falta de leitores, nos façam entender que é hora de acabar com o sonho. Afinal, falamos de literatura e literatura trata dos sonhos e da imaginação.

Este ano de 2025, o V ano de nossas edições, O Leitor tentará trazer textos de nossos colaboradores sobre escritores selecionados e suas obras, fazendo com que se possa explorar mais estes escritores escolhidos.



Editor

## Nossa Gramática Os "porquês"

Na língua portuguesa, existem 4 tipos de porquês (por que, porque, por quê e porquê) que são empregados da seguinte forma:

- Por que: utilizado em perguntas. Exemplo: Por que não voltamos para a casa?
- Porque: utilizado em respostas. Exemplo: Porque agora não temos tempo.
- Por quê: utilizado no fim das frases. Exemplo: Você não gosta dessa matéria, por quê?
- Porquê: possui o valor de substantivo e indica o motivo, a razão. Exemplo: Gostaria de saber o porquê dele não falar mais comigo.

### Quando usar por que: para perguntas

"Por que" separado e sem acento é usado no início das frases interrogativas diretas ou no meio, no caso de frases interrogativas indiretas.

Assim, utilizamos o "por que" em perguntas ou como pronome relativo, com o sentido de "por qual e "pelo qual".

### Quando usar por que: para perguntas

"Por que" separado e sem acento é usado no início das frases interrogativas diretas ou no meio, no caso de frases interrogativas indiretas.

Assim, utilizamos o "por que" em perguntas ou como pronome relativo, com o sentido de "por qual e "pelo qual".

### Quando usar por quê: no fim das frases

"Por quê", escrito separado e com acento circunflexo, é usado no fim das frases (com ponto de interrogação, de exclamação ou com ponto final).

### Quando usar porquê: com valor de substantivo

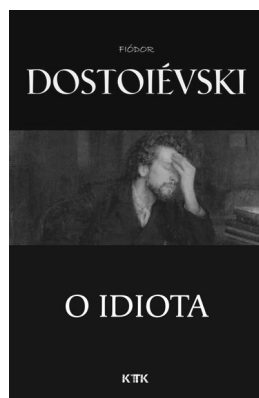
"Porquê", escrito junto e com acento circunflexo, possui o valor de substantivo na frase e significa "motivo" ou "razão".

Ele aparece nas sentenças precedido de artigo, pronome, adjetivo ou numeral com objetivo de explicar o motivo dentro da frase.



# “IDIOT” DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

A obra de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski realmente é surpreendente, ao menos para este escravo da leitura. Para muitos sua obra é maçante, pesada, algo sem o atrativo que envolve e faz ler “sem parar”, mas os que a consideram desta forma, precisam levar em consideração que Dostoiévski escreve num outro século, num outro continente, inebriado de uma outra cultura tão diversa da latino-americana. Basta lembrar que sua identidade russa é marcante em cada página escrita por ele nos seus mais variados livros. Fiodor M Dostoevski



Uma destas obras que exige fôlego e ânimo para começar a leitura - e terminar! - é “O Idiota” (Idiot), publicado originalmente em 1868. Suas centenas de páginas podem facilmente desen-

corajar o mais iniciante dos leitores, por esse motivo penso que uma obra como esta só deve ser lida quando já se tem um prévio conhecimento sobre o estilo do escritor, sobre sua literatura, ou seja, ler “O Idiota” pede-se antes leitura de outras obras menos densas como esta.

Dostoiévski como um verdadeiro russo ama sua identidade russa e por isso sempre encontramos louvores a alma russa mas sem deixar de evidenciar os vícios de uma sociedade muito desigual, onde impera a vaidade, o egoísmo e a negligência de um desenvolvimento conceitual mais claro sobre caridade e solidariedade. Talvez pela própria natureza considerada fria, sem aquele fogo que anima o povo em geral, os personagens vão destilando discursos, disputas e inúmeros comentários para alimentar o ego e tentar justificar as próprias faltas morais.

Neste livro especificamente, repleto de diálogos entre familiares e amigos, percebemos a estéril discussão sobre as próprias qualidades, algumas vezes

aparecendo algum adento de cunho questionador, algo que julgo vir do próprio escritor querendo transmitir ao leitor via personagem sua opinião pessoal sobre tal tema trazido a baila. O protagonista chamado Príncipe Liév Nikoláievich Míchkin - na maioria das vezes chamado somente de Príncipe ou de Míchkin - parece ser o estranho no meio de tanta “produção verbal sem fins”. É tido por idota - donde vêm o título do livro - pois parece sofrer de esquizofrenia, tendo as vezes espasmos e sempre com a saúde debilitada, e talvez por este motivo, sempre se encontrava em desvantagem quando se travava alguma discussão num encontro de amigos, como na casa da família Epanchtín. Família esta, que desde o início do conhecimento do Príncipe, simpatizou com o mesmo, especialmente as filhas do casal Epanchtín: Aleksándra, Adelaíde e Agláia, esta última, a mais nova, durante os meses de convívio com o Príncipe acabara desenvolvendo um sentimento especial por ele, configurando-se em verdadeira paixão, mesmo que a imaturidade da moça, não a deixasse expressar de maneira adequada tal sentimento. O Idiota - F M Dostoevski

O Príncipe também desenvolvera um sentimento complexo por uma mulher chamada Nastássia Filíppovna, que aparenta ser um verdadeiro amor, mas pela dificuldade do próprio príncipe em saber explicar o que sentia por ela, carece de clareza para tal afirmação. De fato, um fim derradeiro e trágico é reservado para tal casal, pois depois de um pretensão noivado frustrado com Agláia, tal príncipe acaba desistindo de tudo para finalmente ficar com Nastássia que confessa pelo que sentia pelo príncipe acaba fugindo dele, mesmo tendo apressadamente combinado com ele a data do casamento para enfim viverem juntos. Esta Nastássia vivia cercada por um homem chamado Rogójin que de modo doentio era apaixonado por ela, resultando que neste derradeiro fim mencionado, ela fugira com ele. O príncipe não desiste de Nastássia e vai a sua procura, en-

contrando-a na casa de Rogójin. Ali encontra este homem que lhe mostra Nastássia que já se encontrava morta, deitada numa cama, assassinada pelo próprio Rogójin.

Durante o desenrolar do livro existem vários casos particulares que são como que mini-tramas, coisas que diríamos “do cotidiano”. Mas precisamente estas cenas particulares fazem com que o protagonista e os ligados mais diretamente a ele possam ser melhor conhecidos pelo leitor. Em meio a tudo isso, o autor tenta passar com maior riqueza de detalhes possível a vislumbrante e vaidosa sociedade de classe média da Rússia de então.

Porque chamar tal protagonista de “idiota”?

Tentando encontrar uma resposta mais próxima da idéia do autor, penso que “o idiota” do enredo é aquele que mais parece estranho a sociedade em que ele mesmo tenta viver. Sua excentricidade esta não tanto na doença que desde o início ele mesmo diz ter, mas no fato de que aparenta ser um “abobado”, quase que retardado mental diante dos costumes e modo de viver daqueles com quem conviveu. Por isso, penso que os verdadeiros “idiotas” seriam os que não conseguem ponderar sem suas próprias medidas, culturais, éticas e morais. O príncipe é um “idiota” mediante a sociedade que não consegue perceber a integridade e dignidade daqueles que são fragilizados pela própria natureza, ou que lhes foi imposto tal fraqueza. Na obra, o “idiota” é Liév Nikoláievich Míchkin, mas na nossa sociedade este “idiota” não seria os inocentes e indefesos?! Os realmente puros de intenção e coração, que facilmente são incompreendidos e até enganados?!

Grazia Romano

suporte@oleitor.info

# MILADY DE WINTER

Vamos falar de uma das obras clássicas de Alexandre Dumas, *Os Três Mosqueteiros* (1844), mas não desejo fazer apenas uma resenha pós-leitura, pois acredito que podemos explorar mais esta história, que apesar dos anos que já se passaram desde a publicação, ainda encanta os leitores e ilumina a imaginação.

Conhecemos os personagens que desfilam diante dos olhos da imaginação, que fazem parte de uma trama envolvendo o reino da França e o da Inglaterra. Com certeza os nomes Athos, Portos, Aramis e D'Artagnan são bem conhecidos, assim como o do cardeal Richelieu e do duque de Buckingham, e seria injusto que não fossem logo reconhecidos nesta trama, visto a agilidade com que os eventos se desenvolveram a partir de suas ações, envolvidas em desejos, vaidades e certa dose de indisciplina. Todos os leitores podem observar, em um quadro geral que a obra escreve-se sobre estes nomes, sobre suas reações diante de provocações oriundas especialmente dos planos do cardeal Richelieu.

No entanto, gostaria de explorar neste artigo um personagem que não parece tão em evidência como os acima citados, mas que possui grande e decisiva atividade no desenvolver da história. Gostaria de falar aqui de Milady, que com certeza faz brotar sentimentos nada amistosos no coração dos leitores quando percebem sua atuação em toda a trama. Esta dama, que nasceu na França, casará com um inglês e depois novamente com um francês, parece ter sido gerada ao mundo para servir ao crime e a ati-

vidades ilegais, sempre servindo a algum interesse pessoal ou daquele que lhe pagar mais.

Mercenária? Talvez teria o escritor fixado em Milady a personificação do mercenário, daquele indiví-



duo que anulou completamente de seu espírito a obrigação moral diante dos homens, e vive como ordenador e juiz de si mesmo, muitas vezes agindo maleficamente nem mesmo por dinheiro, senão por algum dos piores sentimentos de vingança ou ódio que facilmente ebulam em espíritos "independentes" das regras de civilidade, de moral e de religião. De fato, podemos qualificar Milady como uma mercenária, e o assassinato de seu marido inglês, irmão do lord de Winter, já mostra como esta personagem guia sua vida.

Juntando a morte de seu primeiro marido, o irmão do lord de Winter, vejamos o seu segundo casamento, com o francês Conde de La Fère, que mais adiante na trama se descobre ser o nosso famoso mosqueteiro Athos.

A facilidade com que Milady utiliza sua agilidade criativa para executar as tarefas para qual fora contratada e também a mesma agilidade criativa quando necessita elaborar um plano de fuga ou mesmo de defesa contra o sucesso de seus planos, mostram também algo a mais de uma simples atividade mercenária, mas revelam algo de sua personalidade, a psicopatia, algo que parece acompanhar os "talentosos" criminosos tanto na literatura como na vida real. Deste modo, além de mercenária seria Milady também uma psicopata, por usar de todas as faculdades interiores a fim de executar seu plano criminoso. E posso dizer que, antes de mercenária, nossa querida criminosa, é psicopata.

Para mim, caro leitor, parece-me justo dizer que este personagem, que Dumas descreve quase interiormente, não age apenas por dinheiro e poder, e muito menos por alguma coação, como se poderia imaginar vindo da parte do cardeal Richelieu. Milady age arditamente por vaidade interior, por orgulho de saber que pode tramar e executar qualquer atividade contra algum alvo definido. É a vaidade do psicopata, que acaba sendo seu próprio deleite e regozijo.

A obra *Os Três Mosqueteiros* acaba nos oferecendo muitos detalhes a mencionar, e por isso vale o tempo gasto a leitura de cada página.

Pedro Dóxil

[pedrodoxil.oleitor@gmail.com](mailto:pedrodoxil.oleitor@gmail.com)



# A MÚSICA ENTRE ESCOMBROS

No meio dos escombros de uma cidade devastada pela guerra, um frágil vulto se movia. Era uma criança, de talvez oito anos, com os cabelos emaranhados de poeira e os pés descalços arranhados pelos destroços. Seus olhos, embora cansados, brilhavam com uma luz inesperada.

Sozinha entre as ruínas, ela encontrou abrigo sob o que restava de uma antiga padaria. O cheiro do pão havia sido substituído pelo odor acre da destruição, mas ali, entre as paredes meio destruídas, ela sentia-se segura. O medo e a fome eram seus companheiros constantes, mas havia algo que ninguém poderia lhe tirar: sua voz.

Ela começou a cantar.

Era uma canção que sua mãe lhe ensinara, de tempos antigos e felizes. Sua voz infantil, embora fraca, ressoava entre os escombros como um sopro de vida em meio à devastação. Cantava para espantar o medo, para lembrar-se de quem



era, para manter viva a memória de sua família.

Aos poucos, os sons da guerra pareciam se calar. Soldados e sobreviventes que passavam pelo local se detinham, surpresos ao ouvir algo tão puro em meio à destruição. Um soldado, coberto de poeira e cansaço, escutou atentamente. Algo naquela melodia o fez lembrar de sua própria infância, da casa que deixara para trás.

Ele seguiu a voz até encontrar a

menina, encolhida em meio aos escombros, mas ainda cantando. Sem hesitar, ajoelhou-se diante dela e, com um sorriso gentil, estendeu a mão.

— Você tem uma bela voz  
— disse ele suavemente.  
— Vamos encontrar um lugar seguro para você.

Ela hesitou por um instante, mas, ao olhar nos olhos dele, viu ali uma promessa de proteção. Pegando sua mão, continuou a cantar enquanto ele a carregava nos braços, afastando-se da destruição. Naquele instante, a guerra não tinha vencido. Enquanto pudesse cantar, ela ainda estava viva.

*Sophia*

Todos os escritores que nos enviavam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudônimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).

Patrocinadores

*Conheça o site oficial do professor Valderi da Silva*

[www.valderi.com.br](http://www.valderi.com.br)

Acesse—Leia—Seja Membro—Compartilhe

Siga no Instagram a página Valmi Projetos Gráficos e Comunicação

[www.instagram.com/valmi.pgc](https://www.instagram.com/valmi.pgc)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

Siga no Instagram a página O Leitor-Informativo Literário

[www.instagram.com/\\_oleitoroficial](https://www.instagram.com/_oleitoroficial)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

# ESTEVÃO E A LUVA PARA SUA MÃO

Em 1874 eram publicados os escritos de Machado de Assis que comporiam o livro *A Mãe e a Luva*, um pequeno romance que não esconde a desenvoltura e a genialidade deste escritor que praticamente elevou a literatura brasileira para um nível não atingido antes dele.

Apesar de um curto romance, *A Mão e a Luva* traz um desenvolvimento interessantíssimo sobre o estudo de personalidade que os personagens carregam consigo e que pode desdobrar-se mais ainda quando os vemos como figuras de características sempre presentes nos indivíduos, independente do século. Esta visão da personalidade dos personagens que Machado registra em sua obra parece-me que auxilia também o leitor a entender a profundidade do drama que o escritor desejou expressar que cada ator da cena vivenciou em seu romance, pois algumas vezes, o leitor pode não perceber a real profundidade do drama que o personagem vive e simplesmente passar os olhos pela narração como certa displicência.

A literatura machadiana sempre me chamou muito a atenção pela riqueza dos dramas e diálogos, algo que sempre me faz pensar em outro escritor que também admiro pelas mesmas características, Fiódor Dostoiévski.

O drama do personagem Estevão parece não ser o central na obra depois de algumas páginas, mas quando terminamos a leitura começamos a perceber que Machado começa com ele e termina com ele sua narração, e isto não me parece algo fortuito ou mero recurso literário. Na verdade, parece-me que a figura de Estevão, em sua apatia interna e falta de vigor moral e clareza racional, refém de um espírito suscetível a qualquer paixão rasa e sem fundamento, revela muito mais que simplesmente um “adoscente abobado” que não amadureceu, revela a imagem de uma sociedade carente de fundamento, carente de formação interior e de firmeza moral. Estevão não é uma vítima de Guiomar, seu amor não correspondido, muito menos de Luís Alves, seu amigo que acabou por realizar o sonho que era de Estevão. Estevão é na realidade e ao final de todos os fatos, vítima da própria fraqueza, da própria cortina de fumaça alimentada pela debilidade de seu espírito que enxergava em alguém que nem conhecia direito uma grande paixão.

parecer fria e sem piedade, não foi a causadora da ruína sentimental de Estevão e nem o fracasso da investida de Jorge, sobrinho de sua madrinha, com quem morava. Guiomar sim, parece-me ser vítima, e vítima de sua simples e pura natureza de pessoa sóbria, serena, sem excessos e sem intenções. Poderia dizer que se Guiomar teve culpa de algo, foi por ser submissa de modo excessivo aos sentimentos de sua madrinha, que por vezes parecia aprisionar-lhe numa redoma onde tudo devia ser muito bem medido no falar e expressar para não desapontar aquela a quem devia o acolhimento como filha em sua casa. A aparente frieza de Guiomar diante da paixão doentia de Estevão não era maldade, mas apenas sinceridade de

quem não via convicção emocional em tal espírito ao ponto de despertar um possível sentimento recíproco. Algo que em Luiz Alves encontrou sem muita demora e a tempo de vencer sua submissão sentimental à madrinha e fugir de um casamento indesejado com Jorge.

Não sou muito favorável por resumir histórias, mas encanta-me a possibilidade de apresentar o cenário em que o leitor poderá encontrar por si mesmo outras tantas impressões significativas dos personagens desenvolvidos pelo escritor, que em realidade não deixam de expressar os resultados das observa-

ções que o mesmo escritor tirou da sociedade em que vivia em seu tempo.

Existem várias definições sobre as pessoas que se apaixonam facilmente e doentamente, mas o nosso personagem destacado desta história, o infeliz Estevão, se encaixaria na definição mais atualizada de erotomania, uma doença psiquiátrica em que o indivíduo tem a ilusão de que a outra pessoa está apaixonada por ela e nutre internamente esta paixão. Claro que Guiomar nunca mostrou isso a Estevão, mas em sua ilusão, ela seria sua natural paixão e deveria ser a luva para a sua mão. O que mostra o quanto a crueza da realidade não ameniza o resultado para os doentes de espírito.

Artigo publicado originalmente no site valderi.com.br em 09/12/2023

Valderi da Silva  
valderi@valderi.com.br

A bela Guiomar, que para muitos leitores poderá





# CLARISSA

Como acontece frequentemente, pego-me pensando em como não li este livro antes na minha vida!

O livro Clarissa (Ed.Globo, Porto Alegre, 1979, 197 pgs.), do escritor Érico Veríssimo, traz uma esplendorosa homenagem ao simplesmente simples, honesto e sincero. São 31 capítulos de narração singela dos acontecimentos que se desenrolam na vida desta mocinha às vésperas de seus quatorze anos, idade em que seria considerada uma moça, deixando enfim a criancice para trás, algo que seria marcado com o simples, mas muito importante, consentimento da mãe em Clarissa usar sapatos de salto.

A protagonista vivia na cidade, longe de casa, pois precisa estudar e por isso sair do interior, deixando seus pais, e foi morar com sua tia na pensão que ela possuía e administrava com seu marido.

Neste ambiente, com os mesmos hóspedes que lá moravam já há algum tempo, Clarissa vive momentos importantes na vida, desde o sentimento aterrorizante da morte (quando morreu devida a doença, seu vizinho o menino Tonico), até os confusos sentimentos românticos, entre um homem e uma mulher (especialmente na traição flagrante de Belinha com o hóspede Nestor, e seu sentimento fantasioso com o médico que cuidou do Tonico, o qual imaginava como um príncipe).

Clarissa parece ser um sinal de daquilo que os homens e mulheres perdem com o passar dos anos, saindo da infância para a maturidade. O endurecimento emocional e a indiferença dos sentidos parecem denunciados pela beleza de Clarissa, que não deseja nada mais do que ser "uma boa menina", ou "uma boa amiga".

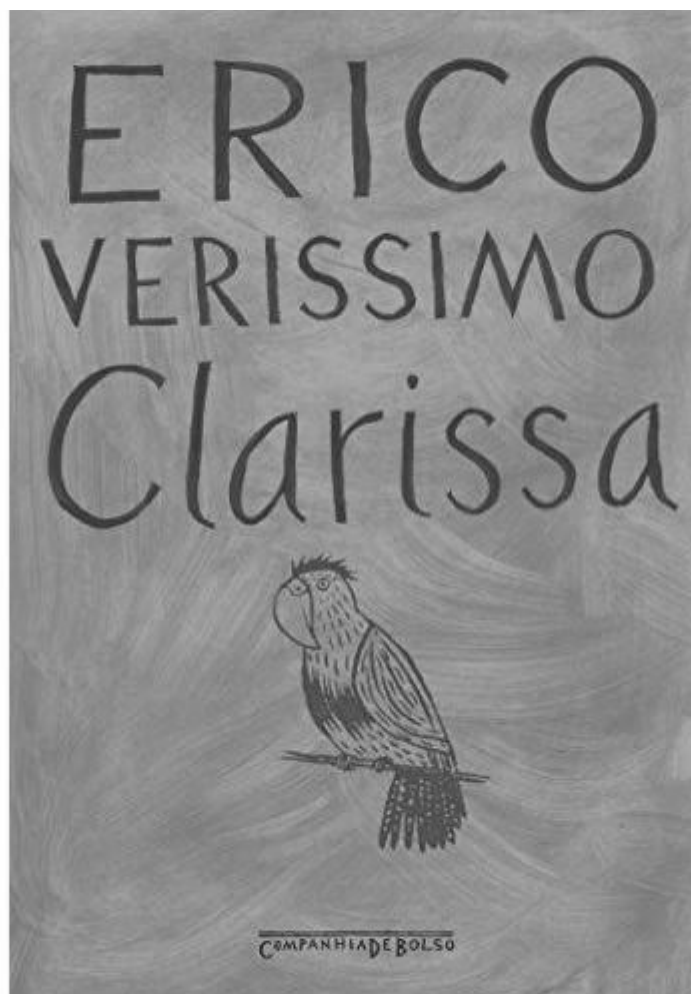
Talvez o autor, desejasse - consciente ou inconsciente - transparecer a própria infância da vida literária de um escritor, que no começo pode fazer florescer as virtudes mais belas e os senti-

mentos mais nobres e com o passar dos anos ou das obras, o endurecimento no vislumbre da humanidade se faz mais poderoso e saliente.

Enfim, o livro Clarissa é a segunda obra na vida de Érico Veríssimo, e como a primeira, vale muito a pena o tempo que a ela dedicamos.

Publicado originalmente no site valderi.com.br, em 19/07/2019

*Equipe O Leitor*



Apoio e divulgação:

**VALMI**

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

**Societas Libri**

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

**oleitor.info@gmail.com**

Ou faça a assinatura mensal pelo link [www.oleitor.info/assinatura](http://www.oleitor.info/assinatura)

# SOBRE O TRISTE CASO DE DOM CASMURRO E CAPITU

A vida humana não somente reflete-se em nossas memórias e em percepções alheias, mas muitas vezes registra-se com bastante riqueza de detalhes na literatura, muito por conta da própria habilidade do escritor. Muitas obras literárias nos oferecem um material abundante para refletir e perscrutar as minúcias do comportamento humano, e esta arte não invalida-se com o tempo, visto que obras de décadas, séculos e até milênios possuem os mesmos resultados quando a perspectiva é a vida humana.

Hoje trago à reflexão o conhecido escritor Machado de Assis que possui algumas obras que servem-nos para este fim que até aqui tenho comentado. Uma delas é a obra Dom Casmurro, uma narração em primeira pessoa do próprio personagem que traz ao leitor uma autobiografia com todas as lembranças possíveis e convenientes ao senhor Bentinho, diminutivo de infância do mais tarde nomeado senhor Dom Casmurro, este por sua suposta “carrancudice”.

Supondo que já é conhecida a obra citada, gostaria de destacar a questão relevante. Trata-se de um olhar mais cauteloso e profundo à motivação do senhor Dom Casmurro que o levou ao término de um casamento tão desejado desde a meninice e para o qual trabalhou tanto a fim de desvencilhar-se de uma promessa de sua mãe, que o “condenava” ao celibato sacerdotal. Depois de casados, passados alguns anos, Casmurro e Capitu viram nascer seu primogênito, um menino ao qual deram-lhe o nome de Ezequiel. Com o passar dos anos, assistindo o crescimento deste menino que devotava muito amor ao pai, Casmurro colecionou alguns acontecimentos, como a morte da mãe e do amigo Escobar, que fora seu colega de seminário e que após sua saída deste internato, viera habitar perto de Casmurro e Capitu, tendo casado coincidentemente com uma amiga de Capitu, Sancha. A esposa de Escobar já havia descoberto e perdoado alguns deslizos de Escobar com outras mulheres, e viviam aparentemente bem, tendo uma filha alguns meses mais velha que Ezequiel.

Estes dois casais viveram períodos de paz e harmonia, como bons amigos. Mas tudo começa a mudar quando uma percepção começa a crescer na mente de Casmurro, a de que seu filho possui algumas características que não necessariamente são as mesmas que de sua mãe e especialmente de seu pai. Começa então a persistir e crescer uma sombra acerca de seu filho, que aos olhos de Casmurro parece-se cada vez menos com ele e mais com Escobar, seu



antigo amigo de seminário. Acontece que essa percepção começa a ganhar força de uma possível traição de sua esposa, percepção esta que começa a crescer logo após a morte de Escobar, algo muito dramático para Casmurro que tinha Escobar como um verdadeiro irmão.

Aos poucos esta sombra começa a tomar conta de si, do seu tempo, devorando-lhe inteiramente como um parasita esfomeado. Logo começa a buscar na memória momentos em que provavelmente sua esposa teria negado sua presença como subterfúgio para encontros amorosos com Escobar. Sua mente começa a lembrar de datas, de momentos em que possivelmente poderiam ser momentos de oportuno encontro sem o perigo de um flagrante deste crime. Assim, aos poucos cresce a solução derradeira do suicídio, pensa em tomar veneno para pôr fim a sua vida atualmente massacrada pela dúvida da traição, mesmo sem provas.

Muitos defendem que Capitu tivesse realmente traído Dom Casmurro, especialmente porque na obra, ela não chega a negar claramente tal hipótese, apenas aceitando a decisão do marido em separar-se dela. Mas ainda é difícil afirmar categoricamente e sem erro que a traição aconteceu. Preciso lembrar que toda a narração acontece nas palavras e percepção de Dom Casmurro, não se tratando de um depoimento livre de paixão e conveniência. Pelo que parece-me mais plausível a hipótese de uma alienação dos fatos por parte de Casmurro, algo totalmente possível a qualquer pessoa que diante de choques emocionais relevantes em sua vida, começa a sentir a pressão por definir algo sem muitas evidências visíveis e materiais. Este estado cognoscível-emocional de Casmurro pode ter ajudado a adulterar a própria realidade em que vivia, algo que o fez tomar decisões de profundo impacto na vida de sua esposa e filho.

Enfim, não consigo juntar-me aos que acreditam piamente que houve traição, pois Machado de Assis nos deixa evidências somente deste estado cognoscível-emocional de Dom Casmurro, mais do que possíveis provas de traição de Capitu. Parece que Machado de Assis pode nos lembrar mais uma vez que a razão humana anda junto com um saudável estado emocional.

Originalmente publicado no site [valderi.com.br](http://valderi.com.br), em 20/06/2023

Valderi da Silva  
[valderi@valderi.com.br](mailto:valderi@valderi.com.br)